

**EXPERIÊNCIAS URBANAS SEGREGADAS: LOCAIS DE MORADIA,
TRAJETÓRIAS E REDES PESSOAIS DE NEGROS E BRANCOS EM SÃO PAULO -
SP**

**EXPERIENCIAS URBANAS SEGREGADAS: LUGARES DE VIVIENDA,
TRAYECTORIAS Y REDES PERSONALES DE NEGROS Y BLANCOS EN SÃO
PAULO-SP**

**SEGREGATED URBAN EXPERIENCES: HOUSING PLACES, TRAJECTORIES AND
PERSONAL NETWORKS OF BLACKS AND WHITES IN SÃO PAULO-SP**

Danilo FRANÇA¹

RESUMO: A partir de uma crítica das formas como a noção de segregação residencial tem sido operacionalizada, propomos uma abordagem que revele em que medida a separação das moradias se associa a diferenciais de integração social e acesso à cidade baseada no mapeamento de trajetos e locais frequentados pelos indivíduos no espaço da cidade e na espacialização de suas redes pessoais de relações. Demostramos que, na medida em que negros e brancos estão residencialmente segregados, são segregadas também suas redes pessoais e locais frequentados. Nossos achados realçam o papel do espaço urbano para a constituição de barreiras à integração de negros nas classes médias. Ademais, argumentamos que as classes médias e altas se organizam como grupos de status cujas fronteiras são fortemente baseadas, não apenas em características raciais, mas também no espaço urbano (habitado e frequentado).

PALAVRAS-CHAVE: Segregação residencial. Raça. Trajetórias. Redes pessoais.

RESUMEN: A partir de una crítica a las formas en que se ha operacionalizado la noción de segregación residencial, proponemos un enfoque que revela hasta qué punto la separación de la vivienda se asocia a diferenciales en la integración social y el acceso a la ciudad a partir del mapeo de caminos y lugares frecuentados por los individuos en el espacio de la ciudad y en la espacialización de sus redes personales de relaciones. Demostramos que, en la medida en que negros y blancos están segregados residencialmente, sus redes personales y lugares frecuentados también están segregados. Nuestros resultados destacan el papel del espacio urbano en la constitución de barreras para la integración de los negros en las clases medias. Además, sostenemos que las clases medias y altas se organizan a sí mismas como grupos de estatus cuyos límites se basan fuertemente, no solo en características raciales, sino también en el espacio urbano (habitado y frecuentado).

PALABRAS CLAVE: Segregación residencial. Raza. Trayectorias. Redes personales.

¹ Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói – RJ – Brasil. Professor do Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais. Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (AFRO-CEBRAP), Núcleo de Pesquisa e Formação em Raça, Gênero e Justiça Racial. Doutorado em Sociologia (USP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7274-9465>. E-mail: danielosfranca@gmail.com



ABSTRACT: *Based on a critique of the ways in which the notion of residential segregation has been operationalized, we propose an approach that reveals to what extent the separation of residences is associated with differentials in social integration and access to the city based on the mapping of paths and places frequented by individuals in the city space and in the spatialization of their personal networks of relationships. We demonstrate that, to the extent that blacks and whites are residentially segregated, their personal networks and places are also segregated. Our results highlight the role of urban space in constituting barriers to the integration of blacks into the middle classes. Furthermore, we argue that the Middle and upper classes organize themselves as status groups whose boundaries are strongly based, not only on racial characteristics, but also on urban space (inhabited and frequented).*

KEYWORDS: *Residential segregation. Race. Trajectories. Personal networks.*

Introdução

Este texto explora características da segregação por raça em São Paulo-SP, maior metrópole brasileira, através de métodos qualitativos alternativos às formas tradicionais de mensuração do fenômeno. O objetivo é demonstrar a importância da raça e do local de residência para a conformação de práticas e relações espacialmente segmentadas e de distintas experiências urbanas que, por sua vez, devem contribuir para a manutenção de uma estrutura social racializada.

Segregação residencial: definição e formas de abordagem

A segregação diz respeito a processos e circunstâncias nas quais determinados grupos sociais se separam uns dos outros, evitando o convívio e a interação. Tal separação é fundada, em geral, sobre relações de desigualdades, hierarquias e discriminações entre os grupos sociais implicados. Seu objetivo seria evitar contatos, interações e, principalmente, a mistura com grupos subordinados (JOHNSON, 1943; BRUN, 1994; GRAFMEYER, 1994).

Na sociologia, esta problemática mais geral da **segregação** costuma ser investigada através da **segregação residencial**, ou seja, a partir da separação das moradias de diferentes grupos sociais. A segregação residencial é alvo da atenção do debate público e acadêmico dos Estados Unidos desde o início do século XX, quando a escola de Chicago de sociologia, interessada nos processos de assimilação de minorias étnico-raciais e imigrantes, fixou a principal premissa de que distâncias físicas correspondem a distâncias sociais (PARK, 1926). Daí advém uma primeira noção de segregação, que diz respeito ao grau em que indivíduos e grupos estão “socialmente” distantes uns dos outros, considerando as distâncias de localização de suas moradias no espaço urbano (MARQUES, 2005). Na segunda metade do século XX,



com a influência do paradigma da economia política, a concentração de pobres e, em especial de determinados grupos étnico-raciais, em espaços residenciais restritos (os guetos) passou a ser pensada, também, através da perspectiva da reprodução da pobreza e das desigualdades de oportunidades (WILSON, 1987). Trata-se aqui de uma segunda concepção, que remete aos diferenciais de acesso a políticas públicas e aos “bens materiais e simbólicos oferecidos pela cidade” (GRAFMEYER, 1994, p. 89). Ambas as perspectivas dão forte ênfase ao espaço residencial e às interações no contexto da vizinhança, entendida como esfera privilegiada para sociabilidade².

Podemos discernir, então, duas dimensões que definem a importância da segregação residencial enquanto problemática de pesquisa. Uma delas é a dimensão da **integração**, na qual a distância entre as moradias implicaria em distintas possibilidades de contatos e relações sociais entre membros de diferentes grupos. A outra é a dimensão do **acesso**, segundo a qual a localização das residências determinaria desigualdades de acesso a recursos e oportunidades disponíveis na cidade.

Porém, na maioria dos estudos, a noção de segregação é operacionalizada a partir de levantamentos quantitativos dos diferenciais de localização das moradias de distintos grupos sociais. A mensuração do fenômeno é pautada pela verificação de em que medida a distribuição de grupos sociais pelas áreas da cidade seria mais ou menos uniforme (MARQUES, 2005; MASSEY; DENTON, 1988; GRAFMEYER, 1994). Em suma, as investigações sobre segregação residencial têm, até hoje, forte vinculação com os pressupostos da Escola de Chicago. Os diferenciais de localização das moradias dos distintos grupos são entendidos como graus de segregação e, daí, são **inferidas** diferentes possibilidades de integração entre grupos sociais e de acesso à cidade e seus recursos. Deste modo, os estudos têm dado grande ênfase à esfera local (do bairro) e às relações de vizinhança como campo privilegiado de observação da segregação e seus efeitos. O pressuposto aí é o de que haveria maior contato e maior acesso àquilo ou àqueles que estejam fisicamente próximos, no caso, o bairro e os vizinhos.

Tais pressupostos são problemáticos dado que não fornecem explicações sobre como – em quais circunstâncias, para quais grupos ou classes, em quais escalas etc. (SHARKEY; FABER, 2014) – o local de residência ou a posição no espaço da cidade é importante para o acesso, as distâncias sociais e relações raciais. Bonilla-Silva e Baiocchi (2001), por exemplo, apontam que mudanças nos resultados dos indicadores de segregação mascaram os diferentes

² A ênfase na importância das relações e instituições sociais constituídas no contexto da vizinhança marca as pesquisas sobre os “efeitos de vizinhança”, que ocupam atualmente o *mainstream* da produção sociológica concernente às consequências da segregação nos Estados Unidos.

modos de manifestação do fenômeno, e que “contatos interracialis” não necessariamente significam integração substantiva, uma vez que várias formas de racismo são compatíveis com proximidade física. Além disso, já há muito tempo estudos urbanos têm mostrado que a proximidade física não necessariamente implica em acesso, interações ou proximidade social (CHAMBOREDON; LEMAIRE, 1970), trabalhos do campo da análise de redes demonstraram que, de um modo geral, os indivíduos urbanitas formam mais vínculos pessoais na escala da metrópole do que na da vizinhança (WELLMAN, 1979; FISCHER, 1995; MARQUES, 2010), e estudos recentes mostram que a consideração das mobilidades pelo espaço da cidade levaria a significativas modificações no que se entende por segregação (KWAN, 2013; NETTO; PINHEIRO; PASCHOALINO, 2015).

Nesse sentido, para obter um entendimento mais abrangente da segregação, deveríamos estudar tal fenômeno para além dos indicadores quantitativos e para além das relações de vizinhança. Empregaremos, neste sentido, metodologias que incorporem as dimensões de integração e acesso – outrora apenas pressupostas – na própria operacionalização da investigação. Propomos, portanto, uma descrição de práticas espaciais e relações sociais espacialmente localizadas de negros e brancos em classes médias e altas. A premissa é que diferentes grupos de status e frações de classe fariam diferentes usos do espaço urbano de modo que o local de residência seria como um centro de gravidade que ordenaria os trajetos, práticas e relações sociais dos indivíduos (para além das relações de vizinhança). Os territórios, nesse sentido, não se conformariam a fronteiras de áreas específicas da cidade, mas se sobreporiam a elas, uma vez que se trata de “territórios de práticas e de relações” (TELLES, 2006)³.

Segregação por Raça no Brasil e em São Paulo-SP

A produção de análises quantitativas da segregação por raça em cidades brasileiras remonta aos clássicos da sociologia das relações raciais como Pierson (1971 [1942]), Cardoso e Ianni (1960) e Pinto (1998 [1953]). Porém, o estudo da segregação racial não ganhou continuidade neste campo. Somente décadas depois, o tema volta a ganhar destaque a partir do trabalho de Edward Telles (1993, 1995) que – ao calcular indicadores de segregação residencial em 35 áreas urbanas a partir de dados do Censo de 1980 – apresentou evidências de que a

³ “Nos eventos biográficos de indivíduos e suas famílias, há sempre o registro de práticas e redes sociais mobilizadas (ou construídas) nos agenciamentos cotidianos da vida, que passam pelas relações de proximidade, mas não se reduzem ao seu perímetro. Feitos de práticas e conexões que articulam espaços diversos e dimensões variadas da cidade, os territórios não têm fronteiras fixas e desenham diagramas muito diferenciados de relações conforme as regiões da cidade, as situações de vida e os tempos sociais cifrados em seus espaços”. (TELLES, 2006, p. 72).



segregação racial se expressaria mais fortemente nos estratos sociais mais altos e reintroduziu esta discussão no quadro das relações raciais brasileiras (TELLES, 2012 [2004]).

Posteriormente, realizaram-se pesquisas interessadas na mensuração da segregação residencial por raça em metrópoles como Belo Horizonte-MG (RIOS-NETO, 2005; SILVEIRA, 2014), Salvador-BA (GARCIA, 2006; CARVALHO; BARRETO, 2007), Rio de Janeiro-RJ (GARCIA, 2006; RIBEIRO, 2007; PRÉTECEILLE; CARDOSO, 2008) e São Paulo-SP (TORRES, 2005; PRÉTECEILLE; CARDOSO, 2008; FRANÇA, 2010; 2015; 2017), bem como análises comparativas como a de França (2021).

Entretanto, a despeito das pesquisas acima mencionadas, importantes pesquisadores das questões urbanas têm menosprezado a segregação por raça no Brasil. Villaça (1998), por exemplo, fez um dos mais abrangentes estudos sobre a estruturação do espaço urbano das metrópoles brasileiras, no qual demonstra a importância da segregação como mecanismo necessário para a viabilização da dominação por parte das elites através do espaço. O autor, no entanto, não atenta para os diferenciais raciais na produção e apropriação do espaço urbano, enfatizando a classe como variável dominante para a explicação da segregação.

A constante alusão à classe como fator preponderante frente à raça conclama por estudos que avaliem a segregação a partir da consideração de ambas as dimensões. Em nossas pesquisas anteriores (FRANÇA, 2015; 2017), a demonstração de que a segregação por raça é existente e específica com relação a segregação por classe social é realizada empiricamente através de uma estratégia na qual verificamos os graus de separação entre negros e brancos pertencentes a uma mesma classe social. Afinal, se não houver segregação racial, o índice de segregação entre negros e brancos em uma mesma classe social deve ser zero.

Com base em dados do Censo de 2010, o índice de dissimilaridade, principal medida de segregação, entre negros e brancos resultava no valor de 0,29⁴. No entanto, visando colocar em evidência o componente racial da segregação, os indicadores foram recalculados segundo grupos de raça e classe social⁵. Os resultados do índice de dissimilaridade demonstram que, para além da bem documentada segregação entre as classes sociais no espaço urbano, é possível

⁴ O índice de dissimilaridade (ID) capta o grau em que dois grupos sociais **não** estão uniformemente [*evenly*] ou homogeneamente distribuídos no espaço de uma cidade. O índice varia de 0 a 1, onde 1 significa segregação total e 0 significa uniformidade total na distribuição dos grupos. O resultado costuma ser interpretado como indicando a proporção da população que teria que trocar de área para que se obtivesse um padrão residencial uniforme.

⁵ A população da Região Metropolitana de São Paulo (RMSP) foi classificada, segundo a sugestão de Marques, Barbosa e Prates (2015), em estratos sociais baseados em agrupamentos das categorias ocupacionais EGP (ERIKSON; GOLDTHORPE; PORTOCARERO, 1979; BARBOSA, MARSCHNER, 2013). No estrato superior estão as categorias de proprietários e empregadores e de profissionais de alto nível; o estrato médio é composto por profissionais de nível baixo, técnicos e supervisores do trabalho manual e trabalhadores não-manuais de rotina de alto nível; o estrato baixo reúne trabalhadores não-manuais de rotina de baixo nível, trabalhadores manuais qualificados, e trabalhadores manuais semi ou não qualificados.



observar também um componente racial na segregação. Isto se torna mais evidente quando comparamos os indicadores de negros e brancos pertencentes a um mesmo estrato social. O indicador de segregação racial nas classes baixas é de 0,18, subindo sucessivamente para 0,31 nas classes médias e 0,40 nas classes altas.

Os resultados apontaram baixos graus de segregação racial entre pobres e graus mais altos nas classes médias e altas. Além disso, os brancos de classes médias e altas estão mais próximos entre si e distantes de pobres e de negros (de quaisquer classes), conformando um padrão de segregação por raça e classe. Estas evidências divergem da tese de que, no Brasil, a segregação seria apenas por classe social, mas também apresentam um cenário muito diferente das metrópoles norte-americanas, onde a segregação por raça atravessa todas as classes sociais. Tais resultados nos impelem a dedicar especial atenção à segregação nas camadas sociais médias e altas, nas quais sobressaem mais fortemente as diferenças raciais.

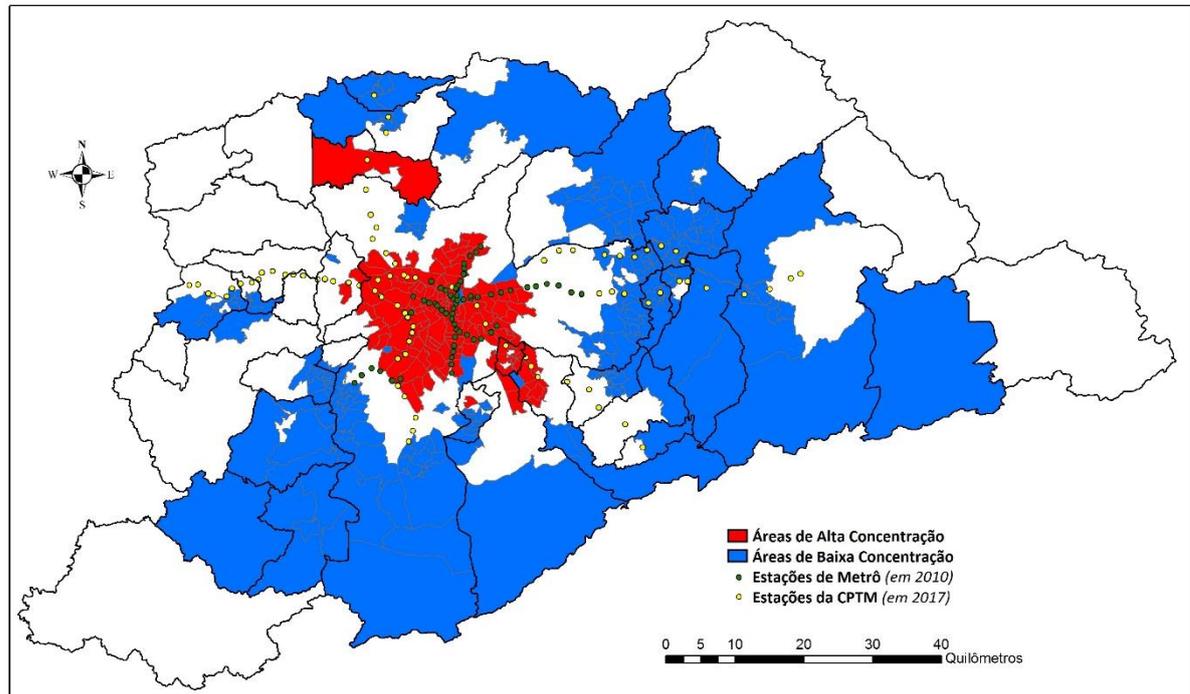
Porém, os índices não revelam onde cada um dos grupos se concentra. Exporemos, então, detalhes da segregação através dos *LISA Maps* (*Local Indicator of Spatial Autocorrelation*) de negros e brancos que exercem ocupações profissionais (de nível alto e baixo). Os mapas representam a autocorrelação espacial dos grupos que analisamos, ou seja, em que medida os grupos considerados têm grande concentração em conjuntos de áreas vizinhas umas das outras (ANSELIN, 1995)⁶. As áreas em vermelho denotam alta concentração da variável em questão em áreas vizinhas entre si. As áreas em azul expressam a contiguidade de áreas de baixa concentração desta variável. Áreas em brancos não tiveram resultado estatisticamente significativo.

Há um grande aglomerado de áreas de concentração de profissionais brancos em áreas do centro expandido de São Paulo-SP (no quadrante sudoeste e nas partes das zonas norte e leste mais próximas do centro); e outra menor no ABC paulista (Santo André, São Bernardo, São Caetano) (a sudeste).

⁶ Os *LISA Maps* derivam do índice de Moran, medida de autocorrelação espacial que, além da distribuição de grupos por áreas, leva em conta a contiguidade das áreas onde se concentram os diferentes grupos. O índice de Moran foi calculado a partir do quociente locacional de cada um dos seis grupos nas 633 áreas de ponderação da RMSP.



Figura 1 – Profissionais Brancos

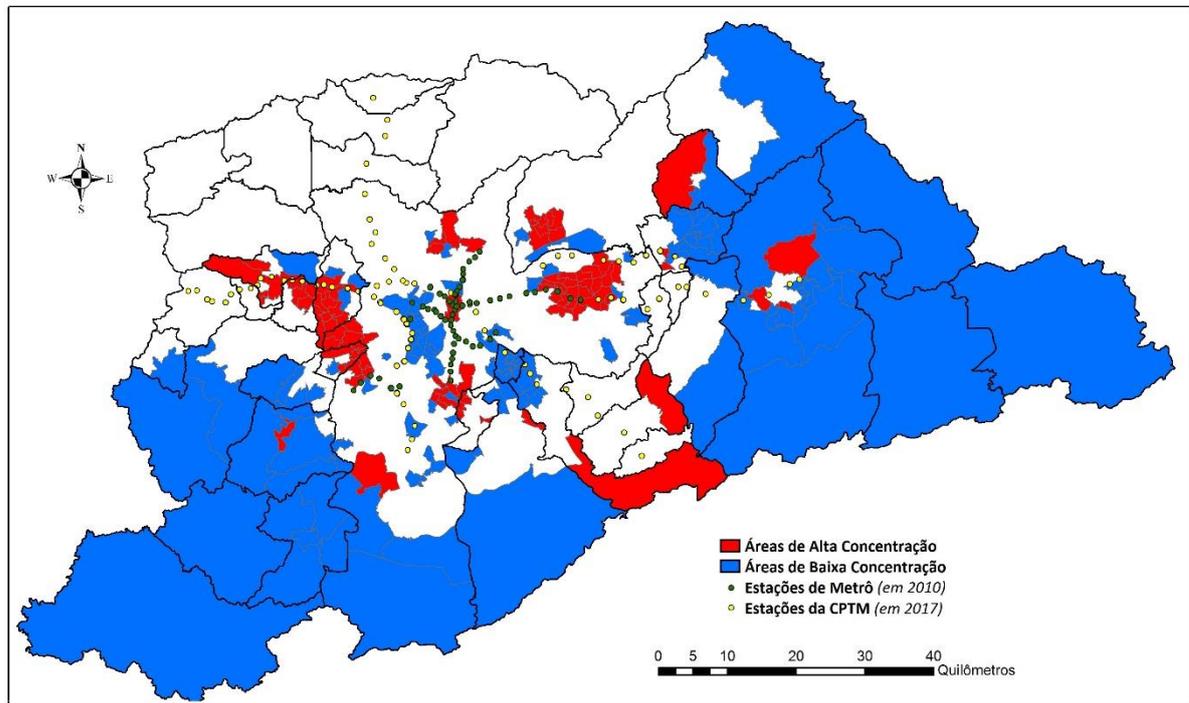


Fonte: LISA Maps (Local Indicator of Spatial Autocorrelation)

Ao contrário dos brancos, o mapa revela diversos conjuntos de espaços com maior concentração de profissionais negros, a maior parte dos quais em áreas periféricas. Dentre eles, destacamos: um agrupamento no centro velho da cidade de São Paulo-SP que se estende ao sul, em direção à Vila Mariana; um grande conjunto de áreas na Zona Leste, em torno de Itaquera; na porção oeste da região metropolitana há um grande aglomerado que se estende desde o Campo Limpo até Barueri, passando por Taboão da Serra e Osasco; na Zona Norte (Tucuruvi e Mandaqui) e na Zona Sul, no entorno do Jabaquara.

Em síntese, as análises quantitativas de dados censitários mostram que, na região metropolitana de São Paulo-SP, é baixa a segregação residencial entre negros e brancos mais pobres, mas na medida em que consideramos as classes médias e altas, a segregação se torna mais significativa. Nota-se, principalmente, o fato de que os brancos de classes médias e superiores residem nas áreas mais privilegiadas da metrópole, estando muito isolados e distantes de todos os outros grupos, até mesmo de negros com posição semelhante na estratificação social.

Figure 2 – Profissionais Negros



Fonte: LISA Maps (Local Indicator of Spatial Autocorrelation)

Métodos

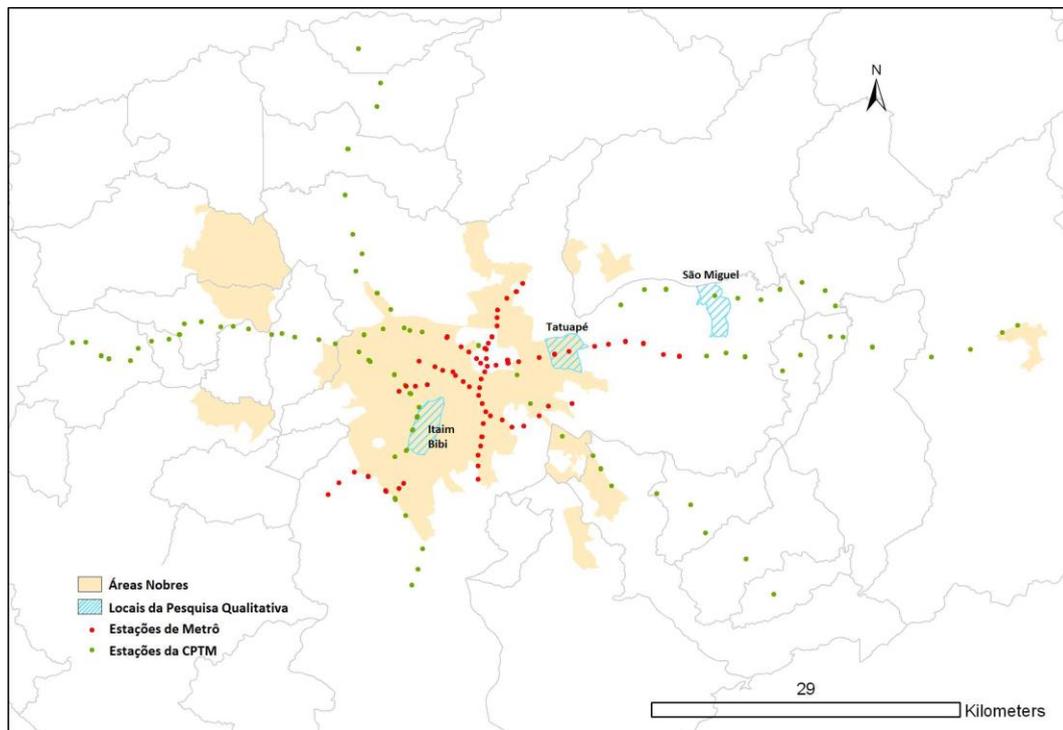
Realizamos entrevistas semiestruturadas que levantaram trajetórias individuais com foco nos lugares da cidade onde se desenrolam as histórias de vida, a identificação dos locais frequentados pelos indivíduos no espaço da metrópole, e a coleta das redes pessoais dos sujeitos entrevistados, com os respectivos locais de moradia dos membros de cada rede. Estes últimos, bem como os locais frequentados, foram mapeados.

Entrevistamos 28 negros e brancos, homens e mulheres, com ocupação classificada nas categorias profissionais⁷ (de nível alto ou baixo) e que possuam nível superior de ensino, moradores de três diferentes espaços da metrópole: Itaim Bibi, São Miguel Paulista e Tatuapé.

A Figura 3 apresenta o mapa com a localização dos distritos pesquisados, destacando, ainda, o conjunto de “espaços de elite e classe média-alta” (MARQUES, 2015) – que tendem a concordar com a “região geral” das camadas de alta renda (VILLAÇA, 1998) – e serão importante referência para nossas análises. A estas, doravante, nos referiremos simplesmente como “áreas nobres”.

⁷ Optamos por focar apenas as categorias profissionais, deixando de abordar os proprietários e empregadores pelo fato destes últimos conformarem uma categoria muito heterogênea no que tange a nível de ensino e renda auferida.

Figura 3 – Localização dos Distritos onde foi realizada a Pesquisa Qualitativa no espaço da Região Metropolitana de São Paulo-SP



Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

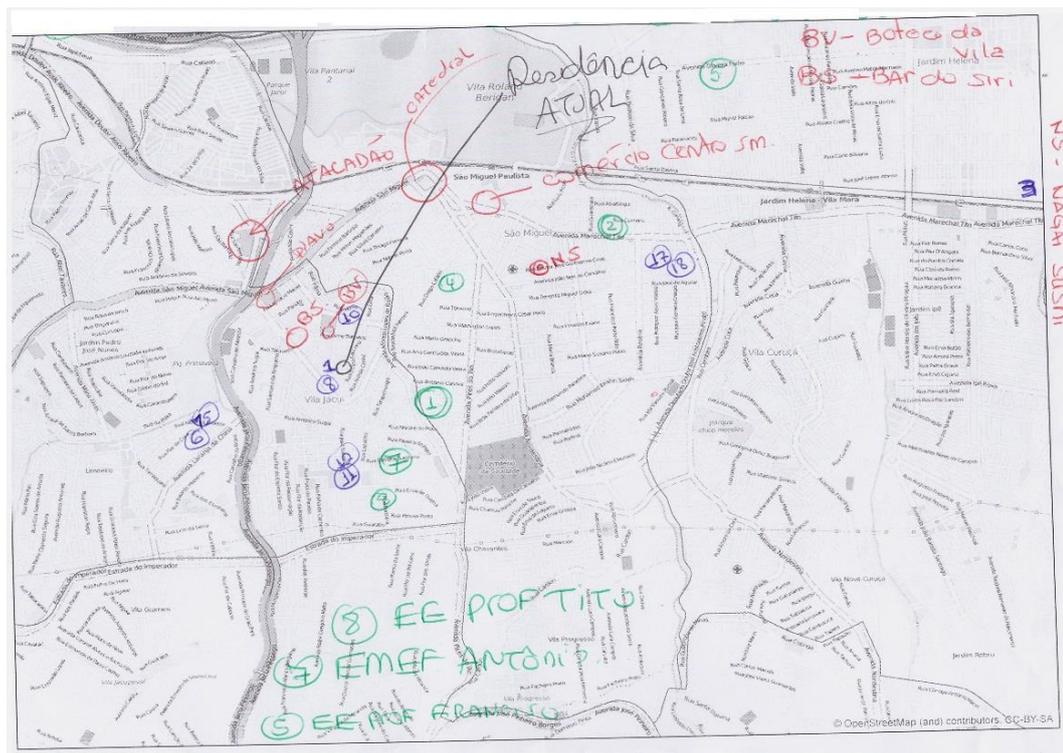
O Itaim Bibi localiza-se no interior das “áreas nobres”. A região do distrito de São Miguel Paulista foi escolhida por ser uma área periférica com significativa concentração de profissionais negros, por sua distância com relação às principais centralidades da metrópole, mas também por existir lá importante sub-centralidade da Zona Leste, com concentração de comércio, serviços e empregos.

A terceira localidade, o distrito do Tatuapé, adveio dos resultados do próprio trabalho de campo em São Miguel Paulista. Ao serem perguntados sobre quais locais na metrópole os entrevistados desejariam residir caso não tivessem limitações materiais, a resposta preponderante foi “Tatuapé ou algum lugar da Zona Leste que seja perto do metrô”. Isso nos levou a crer que tais áreas sejam prováveis destinos residenciais de famílias em ascensão originárias de espaços mais periféricos da Zona Leste.

Com a pesquisa qualitativa, buscamos descrever de que modo raça e local de moradia implicam em diferentes possibilidades de integração entre distintos grupos e de acesso à cidade. As perguntas fundamentais são: Onde mora? Onde vai? Faz o quê? Com quem? Na entrevista foram abordadas características socioeconômicas gerais e temas como as trajetórias pessoal, familiar, escolar, residencial e ocupacional, características do bairro e relações de vizinhança e

locais frequentados na cidade. Na sequência, é preenchido um formulário gerador de nomes para que a/o entrevistada/o informe os integrantes de sua rede pessoal, alguns atributos deles e os locais onde residem⁸. Desde o início da entrevista são entregues aos indivíduos entrevistados um conjunto de mapas impressos em preto e branco e canetas coloridas com as quais devem marcar todo tipo de local mencionado (exemplo de preenchimento é fornecido na Figura 4).

Figura 4 – Exemplo de preenchimento de mapa fornecido na entrevista



Fonte: Gerada no decorrer da pesquisa

Pretendemos, assim, revelar circuitos urbanos e os usos do espaço da metrópole, tendo em vista demonstrar maneiras pelas quais a segregação residencial, através do local de moradia, estaria relacionada a diferentes redes de relacionamentos, experiências e trajetórias urbanas de negros e brancos. O mapeamento das redes de relacionamentos e dos locais frequentados permite-nos desprender a segregação dos pressupostos da vizinhança, demonstrando as articulações entre os lugares onde ocorrem as práticas dos sujeitos e as possibilidades de acesso à cidade e de constituição de laços entre indivíduos com atributos sociais e locais de moradia

⁸ Para instar os entrevistados a listar as pessoas mais próximas adaptamos a bateria de questões de um estudo clássico de redes pessoais (FISCHER 1995). Por exemplo: Quem são seus melhores amigos? Com quem você costuma sair ou visitar? Com quem você conversa quando possui alguma preocupação? Com quem você conta quando precisa de algum favor? etc. A respeito de cada nome mencionado, perguntamos idade, sexo, raça/cor, escolaridade, profissão e esfera de sociabilidade (família, trabalho, etc.).

similares ou distintos. Visando captar as dimensões de integração, coletamos redes pessoais (com os respectivos locais de residência de cada componente das redes), e visando observar o acesso, levantamos os locais frequentados. Ou seja, buscamos aferir em que medida raça e local de moradia implicam em diferentes possibilidades de integração e acesso à cidade.

Resultados

Redes pessoais

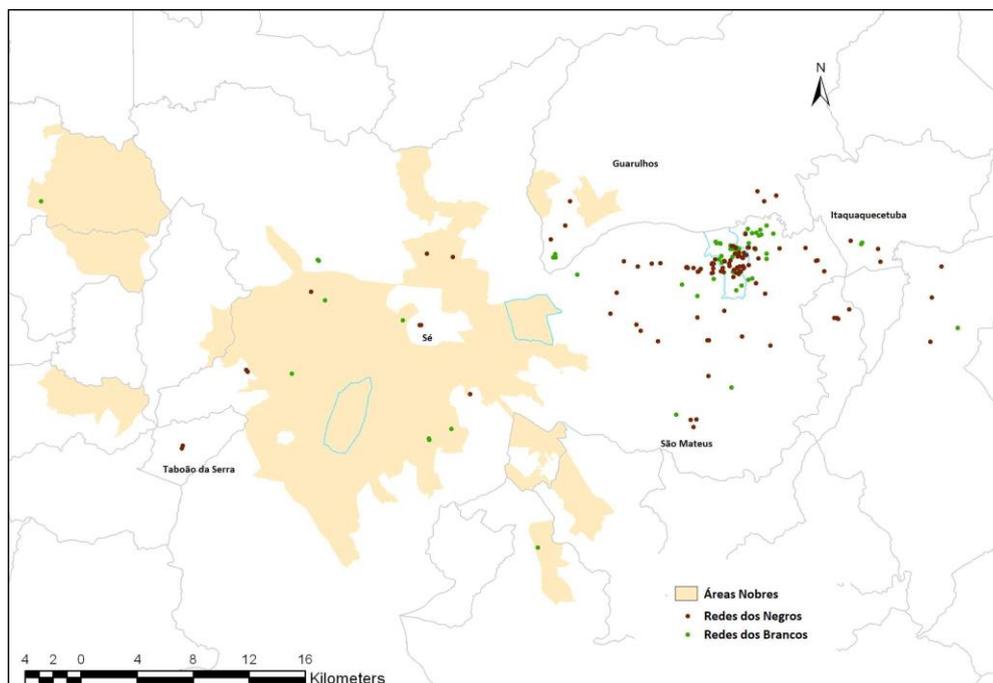
A partir da coleta das redes pessoais dos 28 entrevistados, levantamos um total de 362 vínculos, resultando em uma média de 12,9 componentes em cada rede pessoal.⁹ Deste total, 166, ou 46%, são parentes. A maioria das pessoas próximas citadas por brancos são de fora da família, enquanto para os negros, ao contrário, as redes pessoais são compostas majoritariamente por parentes. Isso pode apontar para a ocorrência de dificuldade de socialização e constituição de laços íntimos fora da família para os negros, bem como pode sugerir que negros dependem mais de solidariedade intrafamiliar. Tais possibilidades requerem, contudo, maiores investigações.

Considerando o contexto de sociabilidade de cada vínculo, apenas 22 pessoas foram classificadas como “vizinho”. Porém, notamos que a maior parcela das relações ocorre no distrito habitado e em seu entorno. Dos componentes das redes, 58% residem no mesmo distrito do entrevistado ou em distritos do entorno. Tal característica é mais acentuada em São Miguel Paulista (68,4%), do que no Tatuapé (52,4%) ou no Itaim Bibi (37,7%). Considerando-se os entrevistados residentes neste último, 74% dos seus vínculos se localizam em “regiões nobres” da metrópole, enquanto em São Miguel apenas 9% dos vínculos residem em “regiões nobres”. Já no Tatuapé, situado nas bordas do principal aglomerado de áreas nobres, 51% dos vínculos moram em “regiões nobres” e 49% não.

Em São Miguel Paulista, quase todos (ou 84%) os vínculos dos entrevistados residem nas redondezas do distrito ou em áreas periféricas da zona leste, havendo poucos moradores de regiões nobres em suas redes. Há diferenças raciais, não muito grandes: os negros com mais contatos em outros distritos da zona leste e município a leste de São Paulo-SP, ao passo que os brancos possuem mais laços em outras partes da cidade de São Paulo-SP e em regiões nobres.

⁹ Não pretendemos, com tais quantificações, atingir conclusões estatisticamente representativas sobre as características das redes de determinados locais e grupos sociais em geral. A ideia é apresentar os aspectos das redes dos nossos entrevistados de forma sintética.

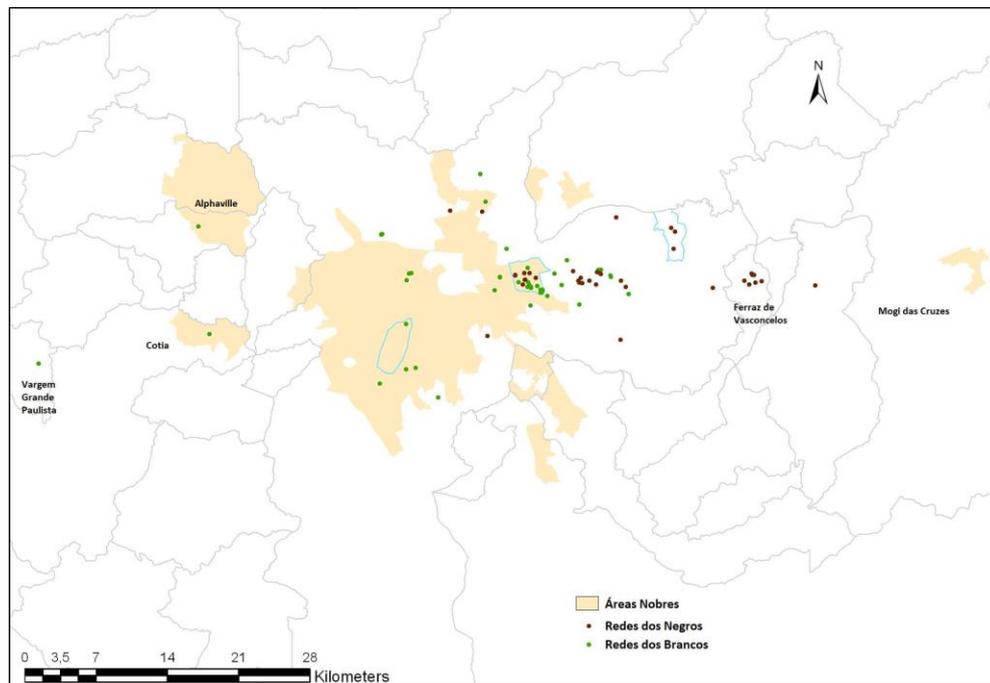
Figura 5 – Locais de Moradia dos Membros das Redes Pessoais dos Entrevistados Negros e Brancos de São Miguel Paulista



Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

As diferenças raciais no que tange às residências dos vínculos são bastante expressivas no Tatuapé. Enquanto a maior parcela dos convivas dos negros reside em outros distritos da zona leste ou municípios a leste da capital, a maioria dos contatos dos brancos estão em regiões nobres.

Figura 6 – Locais de Moradia dos Membros das Redes Pessoais dos Entrevistados Negros e Brancos do Tatuapé



Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

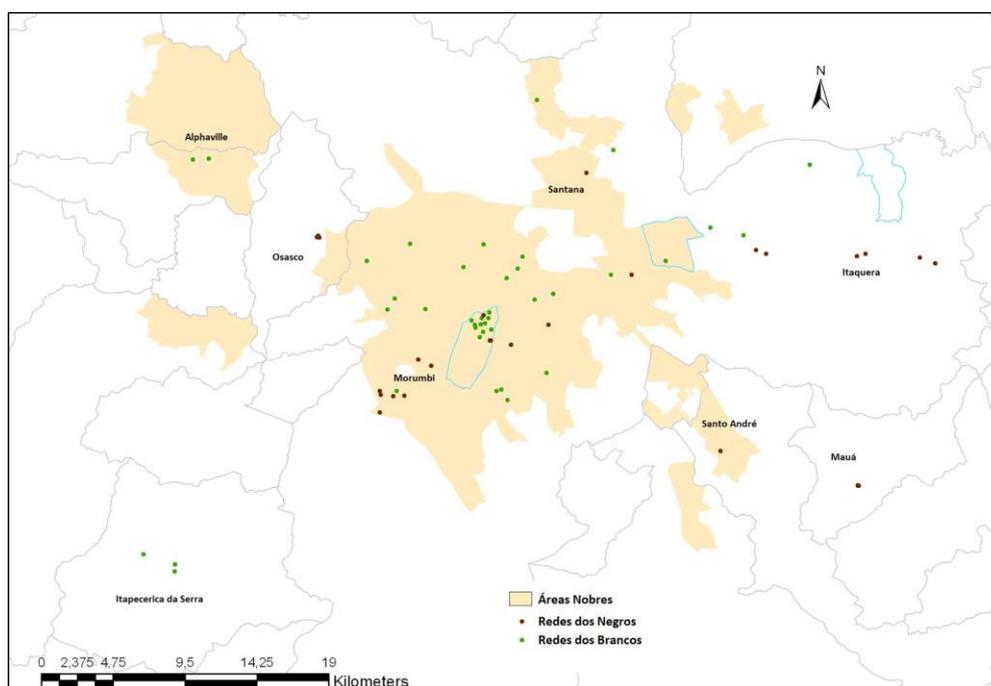
No Itaim Bibi (Figura 7), a maior parte das residências dos componentes das redes pessoais (74%) encontra-se em regiões nobres. A maior parte dos vínculos residentes fora das regiões nobres são membros das redes das duas mulheres negras entrevistadas.

Os resultados demonstram que os brancos são muito mais racialmente homofílicos¹⁰ do que os negros, que possuem redes racialmente mais misturadas. Convém ressaltar que em São Miguel Paulista, local com expressiva participação de negros na população, os brancos são menos homofílicos e os negros são mais. No Itaim Bibi e no Tatuapé, quase não há negros nas redes dos brancos.

Como abordamos indivíduos de classe média, e estas classes são majoritariamente brancas, é razoável esperar que haja uma maioria de relações com brancos. Ou seja, há uma expectativa de alta homofilia dos brancos e baixa homofilia dos negros que é confirmada pelos dados. No entanto, comparando-se brancos e negros dos mesmos locais, há sempre mais brancos em redes de brancos e mais negros em redes de negros.

¹⁰ A homofilia diz respeito à semelhança de atributos entre pares de indivíduos de uma rede. Assim, no caso de uma mulher que possui uma maioria de mulheres em sua rede, dizemos que se trata de uma homofilia de gênero. Ou seja, podemos ter os mais diversos tipos de homofilia de acordo com o atributo considerado. Uma boa revisão sobre o tema pode ser encontrada em Mcpherson, Smith-Lovin e Cook (2001).

Figura 7 – Locais de Moradia dos Membros das Redes Pessoais dos Entrevistados Negros e Brancos do Itaim Bibi

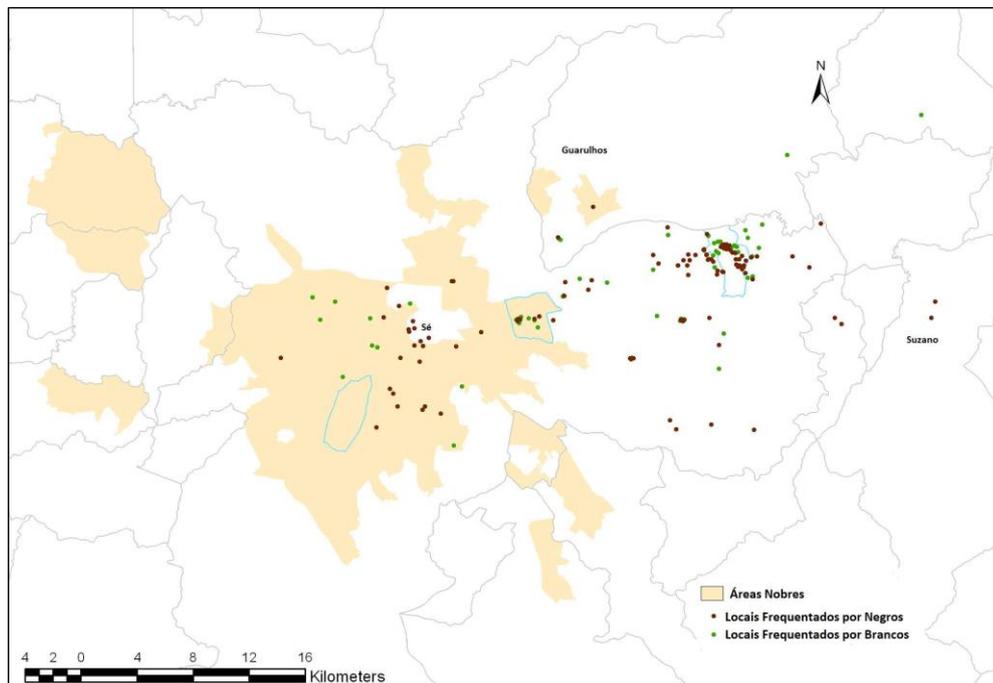


Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

Locais frequentados

Para os entrevistados de São Miguel Paulista, a maior parte dos locais frequentados localiza-se no próprio distrito e em seu entorno. Há uma quantidade expressiva, porém minoritária de locais situados em regiões nobres como Tatuapé, Liberdade, Lapa, Vila Mariana etc. Os locais de trabalho da maioria dos entrevistados situam-se na zona leste, enquanto os serviços médicos são buscados principalmente em regiões nobres de São Paulo-SP.

Figura 8 – Locais Frequentados pelos Entrevistados Negros e Brancos de São Miguel Paulista

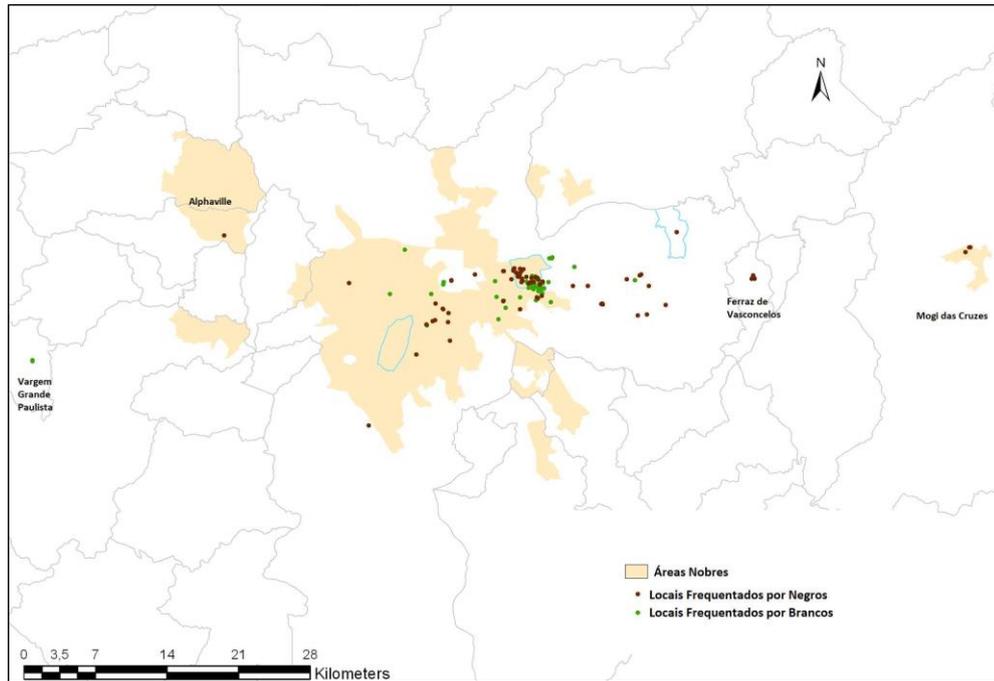


Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

Os brancos têm maior frequência a locais no próprio distrito, enquanto os negros frequentam mais os distritos do entorno e outros locais da zona leste. Nas áreas nobres, os negros frequentam mais lugares situados em distritos da zona sul atendidos pela linha azul do Metrô, ao passo que os lugares frequentados por brancos têm maior concentração em bairros da zona oeste. Há significativa frequência de negros nos distritos que compõem o “centro velho” de São Paulo-SP (Sé e República).

Com relação aos entrevistados do Tatuapé, o Mapa representado na Figura 9 aponta que predominam as menções a locais no próprio distrito, seguidas de alusões a locais em regiões nobres da proximidade, como Mooca ou Jardim Anália Franco. Os moradores do Tatuapé se deslocam muito menos que os de São Miguel Paulista, indo principalmente para regiões nobres. Os negros do Tatuapé se espalham mais, frequentando mais locais situados na porção leste da metrópole.

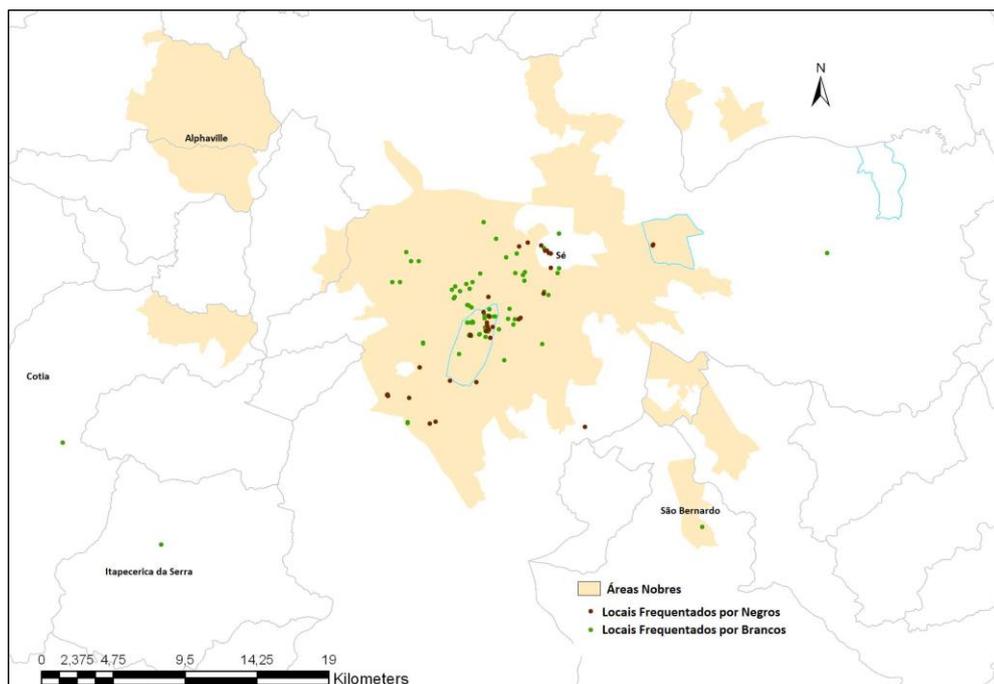
Figura 9 – Locais Frequentados pelos Entrevistados Negros e Brancos do Tatuapé



Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

Quase todos os locais mencionados pelos entrevistados do Itaim Bibi encontram-se num raio de 9km a partir do bairro e quase todos os entrevistados trabalham no distrito ou entorno.

Figura 10 – Locais Frequentados pelos Entrevistados Negros e Brancos do Itaim Bibi



Fonte: Mapa gerado no decorrer da pesquisa

De um modo geral, os trajetos e relações têm um padrão “meso”, ou seja, orbitam mais ou menos na escala do distrito, ou em torno de determinadas centralidades. Isso dá a entender que diferentes classes ou grupos sociais de uma mesma área tem a maior parte de suas relações e locais de frequência em determinadas “regiões” da metrópole, apontando para a necessidade de pesquisas sobre a convivência de distintos grupos em determinados pedaços do espaço urbano, não na metrópole como um todo.

Tipologia e síntese das entrevistas

Nesta seção, agregamos entrevistados em categorias de acordo com semelhanças em suas redes pessoais, locais frequentados e outros atributos. Apresentaremos um total de oito tipos: quatro de São Miguel Paulista (I, II, III, IV), dois do Tatuapé (V, VI) e mais dois do Itaim Bibi (VII e VIII). A tabela a seguir exhibe uma descrição sumária dos oito tipos.

O Tipo I é composto por moradores de São Miguel Paulista que possuem relações com brancos de classe média, muitos vínculos em regiões nobres, e que trabalham e frequentam locais em regiões nobres. Isso não quer dizer que não tenham vínculos ou que não vão a locais de São Miguel ou da zona leste, mas o fato de terem vínculos e frequentarem regiões nobres é o principal traço que os distingue. Neste tipo, foram enquadrados os entrevistados Amadeu, Marcela, Armando. Todos são brancos. Vieram de famílias cujos pais foram profissionais ou proprietários, tendo diversos parentes que concluíram ensino superior (em geração anterior ou na mesma). Trata-se de uma classe média mais antiga de São Miguel Paulista. Todos demonstrando, inclusive, forte vínculo sentimental com a região. Nas trajetórias ocupacionais, é marcante o fato de terem trabalhado em diversos lugares da cidade de São Paulo, para além da zona leste. Sendo que, destes locais, alguns localizam-se em regiões nobres.

A principal característica do Tipo II é a forte vinculação destes indivíduos com a região de São Miguel Paulista, suas redes pessoais se concentram no distrito e nas imediações, assim como os locais frequentados. Em suas trajetórias ocupacionais, predominam empregos localizados na zona leste. Além disso, estes foram os entrevistados cujas descrições do bairro deram mais ênfase a aspectos positivos, demonstrando ser este um local onde se sentem muito confortáveis. Destacam o comércio de São Miguel Paulista e o fato do bairro proporcionar fácil acesso a diversas outras áreas da metrópole (através do trem, linhas de ônibus e vias expressas da região), sendo um importante ponto de referência da zona leste. Os entrevistados deste grupo, aliás, são os que mais se locomovem de transporte público.

Quadro 1 – Síntese da tipologia de redes de pessoas e locais

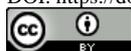
São Miguel Paulista			
Tipo	Entrevistados	Relações	Locais
I	Amadeu, Marcela, Armando (Branços)	Relações com brancos de classe média	Locais em regiões nobres
II	Lucas (negro), Regina, Luana e Glauco (brancos)	Relações e locais em São Miguel Paulista	
III	Jessé, Santiago, Lívia (negros)	Relações com negros de São Miguel Paulista e zona leste	Locais em São Miguel Paulista e zona leste
IV	Joaquim, Rebeca, Rita (negros)	Relações com pobres (família) e classe média da zona leste (não-família)	Locais na zona leste e regiões nobres
Tatuapé			
Tipo	Entrevistados	Relações	Locais
V	Miriam, Fernanda, Alan e Diogo (brancos)	Relações com brancos de classe média na região do Tatuapé e áreas nobres	Locais na região do Tatuapé
VI	Milena, Sabrina, Nei e Orlando (negros)	Relações na região do Tatuapé e zona leste	Locais na região do Tatuapé e em outras partes de São Paulo (nobres ou não)
Itaim Bibi			
Tipo	Entrevistados	Relações	Locais
VII	Olavo, Eliana e Elvira (brancos)	Relações com brancos de classe média no Itaim Bibi e regiões nobres	Locais no Itaim Bibi e regiões nobres
VIII	Valter (branco), Izilda, Ivana, Josué* (negros)	Relações com pobres da zona leste (família) e brancos de classe média de regiões nobres (não-família)	Locais do quadrante sudoeste (nobres ou não)

Fonte: Gerado no decorrer da pesquisa

Neste tipo, enquadram-se os entrevistados Lucas, Regina, Luana e Glauco. São duas mulheres brancas e dois homens, um negro e outro branco. Predominam laços com indivíduos mais pobres, negros e brancos.

O Tipo III é composto por negros cujas redes de relações pessoais são constituídas predominantemente por outros negros (forte homofilia racial), residentes de São Miguel Paulista e de outras áreas periféricas da zona leste (ou municípios na parte leste da metrópole). Seus locais de frequência restringem-se, também, a estas áreas. Tratam-se dos entrevistados Jessé, Santiago, Lívia. São os únicos entrevistados cujas famílias de origem não possuíam imóveis em São Miguel. Na verdade, a aquisição de um imóvel no distrito é parte de um processo maior de estabilização socioeconômica e residencial destes indivíduos. Todos dizem que não gostariam de morar em São Miguel o resto da vida.

O Tipo IV, no qual se enquadram três entrevistados negros (Joaquim, Rebeca, Rita) se caracteriza por uma clivagem significativa nas características de familiares e não-familiares nas suas redes pessoais. Do conjunto de indivíduos citados como mais próximos, os parentes são de classe baixa, ao passo que os vínculos fora da família são indivíduos de classe média. Isto



deve ser reflexo de uma trajetória de ascensão social. A maior parte dos componentes das redes (família ou não) reside na zona leste, mas os entrevistados também têm significativa frequência a locais em regiões nobres da cidade. Em suma, são negros que, apesar de virem de famílias pobres, têm grande sociabilidade entre pessoas de classe média, mas restringem-se à zona leste em suas relações. A maior parte de suas trajetórias ocupacionais deu-se em empregos localizados na zona leste de São Paulo-SP. Se locomovem prioritariamente de automóvel. Ressaltam o comércio como aspecto positivo de São Miguel Paulista e, como pontos negativos, todos mencionaram a violência por parte “*da polícia e dos bandidos*”. Eles têm relações com vizinhos, mas, destacam que as discordâncias de opinião e posicionamentos políticos é um fator importante em suas diferenças com os moradores da vizinhança. Os entrevistados, manifestando opiniões políticas de esquerda, queixam-se da dificuldade de diálogo com os vizinhos.

O Tatuapé, localizado no limite das áreas nobres, e sendo o local pesquisado com maiores desigualdades raciais de renda (no geral e na classe média), apresenta, também, importante segmentação racial no que diz respeito às redes de pessoas e locais. Os brancos estão voltados para as áreas nobres mais centrais, enquanto os negros estão voltados para o leste mais periférico, isto se reflete nos dois tipos construídos.

O Tipo V é composto pelos entrevistados brancos do Tatuapé (Miriam, Fernanda, Alan e Diogo). Possuem relações com brancos de classe média, principalmente nas cercanias do Tatuapé e em áreas nobres de São Paulo-SP. Os locais de trabalho e outros lugares frequentados situam-se no próprio distrito e em seu entorno. Dois dos entrevistados deste grupo foram criados no próprio Tatuapé e reclamam que o bairro atingiu seu limite de construções e crescimento. No entanto, todos demonstram gostar muito do local, não gostariam de mudar e, se o fizessem, iriam para áreas próximas como Mooca ou Jardim Anália Franco.

Enquadram-se no Tipo VI os entrevistados negros do Tatuapé (Milena, Sabrina, Nei e Orlando). Possuem relações próximas com pessoas do Tatuapé e de áreas mais periféricas da zona leste. Trabalham em locais mais distantes da cidade de São Paulo-SP (como Socorro e Vila Mariana), utilizando sempre transporte coletivo para se deslocar ao trabalho. Com exceção do trabalho, os locais de frequência se concentram principalmente no Tatuapé e entorno, mas também há acesso a regiões nobres, principalmente por parte daqueles que se transitam por estas regiões por razões profissionais ou no caminho para o trabalho.

Três dos integrantes deste grupo (Milena, Sabrina e Nei) são originários de locais mais periféricos da zona leste ou de municípios a leste da metrópole (Ferraz de Vasconcelos, Vila Matilde, São Miguel Paulista). Mudaram-se para o Tatuapé, em parte, para facilitar o acesso ao



trabalho. Cursaram ensino superior anos depois da faixa etária considerada “ideal”. Já Orlando é originário de uma família de classe média do próprio Tatuapé. Chama atenção, neste caso, o fato de que suas relações fora da família são com pessoas de classe social mais baixa moradoras de áreas mais à leste (Vila Matilde e Artur Alvim).

No Itaim Bibi, a ausência de dois homens negros entre os entrevistados prejudicou a constituição de tipos segmentados por diferenças raciais. A principal clivagem que distingue os dois tipos do Itaim Bibi é a origem. Os indivíduos do Tipo VII são originários de famílias bem estabelecidas na classe média, oriundos de bairros nobres, como Granja Viana, Pinheiros e do próprio Itaim. Os indivíduos do Tipo VIII são originários da zona leste de São Paulo, de famílias pobres ou de classe média recente.

O Tipo VII é composto pelos entrevistados Olavo, Eliana e Elvira. Todos brancos. Suas redes de relações e locais de frequência se localizam no próprio Itaim Bibi e em áreas nobres do quadrante sudoeste. Relacionam-se com brancos de classe média residentes destas mesmas áreas. São originários de famílias de classe média bem estabelecidas e estudaram em escolas particulares.

O Tipo VIII também é marcado por uma segmentação entre parentes e não-parentes (como o Tipo IV). Possuem laços com familiares da zona leste de classe mais baixa e laços não-familiares com indivíduos brancos de classe média moradores de regiões nobres. Frequentam locais do quadrante sudoeste, nobres ou não. A principal diferença com relação ao Tipo IV é o fato de cultivarem relações próximas com moradores de áreas nobres.

Originários de famílias pobres ou de classe média recente, estudaram em escolas públicas e trabalharam nos mais diversos locais da cidade de São Paulo-SP. Os imóveis onde residem foram adquiridos através de financiamento. Têm poucas relações com os vizinhos, que consideram “desconfiados” e “de nariz empinado”, mas apreciam viver num bairro considerado “de classe boa”. Fazem severas críticas aos seus locais de origem, na zona leste, principalmente quanto à distância das centralidades, ao “nível cultural” inferior das pessoas que lá residem e por se verem estigmatizados quando moravam lá.

Enquadram-se neste grupo os entrevistados Valter (branco), Izilda e Ivana (negras) do Itaim Bibi, mas também o entrevistado Josué, de São Miguel Paulista. Este último, na verdade, morou durante um bom tempo no distrito da Consolação e em outras regiões nobres, retornando a São Miguel Paulista porque os pais, muito velhos, necessitavam de cuidados especiais.

Discussão

De um modo geral, as análises confirmam a hipótese da importância do local de residência, mas sem passar pela vizinhança. Ou seja, mantêm-se o pressuposto da escola de Chicago de que as distâncias físicas são importante fator para as relações sociais, mas não se ratifica a ideia de que existiria grande relevância nas interações face-a-face entre vizinhos. A análise das redes pessoais aponta o espaço como fator de homofilia. A maioria dos componentes das redes dos entrevistados reside no próprio distrito ou nas imediações do distrito do entrevistado, o mesmo é válido para os locais frequentados. Isso quer dizer que, não obstante possuírem automóvel e recursos materiais que favoreceriam a locomoção, seus trajetos cotidianos têm localização relativamente próxima à residência. Não se restringem ao bairro, ao entorno imediato da moradia, mas sim a áreas mais amplas nas cercanias deste. Ou seja, em se tratando de acesso e frequência a diferentes lugares, a localização da residência tem significativa importância. Poderíamos, portanto, falar de uma “segregação em uma média escala”.

A avaliação da homofilia racial nas redes pessoais indicou uma tendência de segmentação racial nos relacionamentos dos indivíduos. Os tipos construídos na seção anterior ratificam esta tendência, evidenciando as diferenças raciais nas redes de pessoas e nos locais frequentados. Nos casos analisados por esta pesquisa, os brancos de classe média possuem círculos de relações mais homoganeamente brancos, exibindo uma característica de fechamento social. Além disso, considerando-se tanto as redes como os locais frequentados, notamos que os brancos estão mais voltados para as áreas nobres do que os negros. Este achado deve ser melhor averiguado em pesquisas de maior escopo, uma vez que nosso levantamento qualitativo não cumpre requisitos de representatividade estatística.

Considerando que segregação pode ser concebida como o oposto da integração e do acesso, os tipos mais segregados seriam aqueles cujas redes fossem constituídas por indivíduos muito semelhantes ao ego e os locais fossem restritos às cercanias da residência. São compatíveis com essa descrição os tipos III (relações com negros de São Miguel e zona leste, frequência a locais situados nestas regiões), V (relações com brancos de classe média do Tatuapé, frequência a locais deste distrito e áreas nobres) e VII (relações com brancos de classe média do Itaim Bibi, frequência a locais deste distrito e áreas nobres). Todavia, dizer que tais tipos são parecidos em termos de segregação esconde importantes diferenciações no que diz respeito a oportunidades: ter redes e locais restritos a São Miguel deve implicar maiores

limitações e desvantagens do que no Tatuapé ou Itaim Bibi. Na verdade, o Tipo III, em contraposição com os Tipos V e VII representam polos opostos.

Os negros do Tipo III não apenas estão restritos a circuitos periféricos, distantes das localizações de maior valorização material e simbólica e das centralidades mais bem providas de políticas públicas, como também possuem as redes mais homogêneas de todos os entrevistados, o que pode acarretar desvantagens no que tange a informações, oportunidades e perspectivas que tendem a circular mais através de laços sociais heterogêneos.

Os Tipos V e VII revelam similaridades entre os brancos do Tatuapé e do Itaim Bibi: ambos os grupos cultivam relações sociais predominantemente com outros brancos de classe média, frequentando locais em seus próprios bairros e em outras áreas nobres da metrópole. Estes manifestam as maiores possibilidades de apropriação das localizações mais valiosas da metrópole, têm fácil deslocamento (com menor tempo) para as principais centralidades e convivem com pessoas que desfrutam destas mesmas condições de fruição do urbano, compartilhando práticas e estilos de vida.

Conclusão

A consequência mais geral dos achados acima apontados é que, dado que a análise de dados quantitativos demonstrou as segmentações espaciais na localização das residências de brancos e negros, e a pesquisa qualitativa apontou que o lugar da residência limita circuitos de trajetos e de relações sociais, daí decorrem segmentações espaciais nos circuitos e relações de negros e brancos. Em outras palavras, as longas distâncias físicas entre as residências de negros e brancos de classe média na RMSP se refletem em significativas diferenças nas redes pessoais e nos locais frequentados pelos indivíduos entrevistados.

As redes pessoais mais brancas e a maior frequência a áreas nobres, combinadas com as concentrações residenciais reveladas nas análises quantitativas, apresentam um quadro de reforçadas evidências do isolamento – espacial, social, racial e de trajetos – por parte dos brancos de classe média e alta de São Paulo-SP. Brancos de classe média habitam espaços preponderantemente brancos e de classe média, relacionam-se com brancos de classe média e circulam por áreas nobres onde predominam brancos de classe média. Ou seja, na medida em que negros e brancos estão residencialmente segregados, são segregadas também suas redes pessoais e locais frequentados. Demonstrou-se, portanto, que os negros são mantidos à distância, física e socialmente, mesmo quando pertencem a uma mesma classe social que a dos brancos.



Além disso, diante da evidência de que a apropriação e o uso do espaço urbano é racialmente diferenciada, é importante notar que as áreas onde identificamos as principais concentrações (de residências, de trajetos e de redes) de brancos de classes médias e superiores têm grande correspondência com a “região geral” delimitada por Villaça (1998) e por ele denominada de Área de Grande Concentração das Camadas de Alta Renda, onde se localizam não apenas as residências, mas também todas as práticas cotidianas dessas camadas. Entretanto, algo que Villaça (1998) não leva em consideração é que estes espaços da cidade concentram referenciais identitários que mediam o reconhecimento mútuo de membros de um grupo que não se caracteriza apenas por sua posição na hierarquia de classes, mas caracteriza-se também por sua cor branca. Ou seja, a apropriação das localizações mais valorizadas do espaço urbano é excludente não somente dos pobres. Exclui os negros, mesmo que não sejam pobres.

Esta pesquisa levantou reforçadas evidências de coesão social por parte dos brancos de classe média e de limitações às possibilidades de os negros compartilharem espaços e círculos sociais com os brancos de classe média. Tais diferenças nas localizações residenciais, bem como a segregação nas redes e trajetos, são indícios dos limites para a inserção dos negros nas classes médias e altas. Diversos intérpretes têm apontado que as desigualdades raciais no Brasil exibem uma clivagem entre “classes altas brancas” e “classes pobres multirraciais”, nas palavras de Edward Telles (2012 [2004]) ou, em termos weberianos mais clássicos, entre os estamentos (ou grupos de status) “brancos-ricos” e “pretos-pobres”, segundo Thales de Azevedo (1966 [1956]). Portanto, uma vez que a honra estamental sempre se baseia em distância e exclusividade, os diferenciais de localização observados nos dados sobre a segregação exibem a clivagem entre grupos definidos pela sobreposição entre classe, raça e espaço. Tal perspectiva dá à segregação no espaço urbano importância muito significativa para a constituição de barreiras que estruturam as relações raciais no Brasil. Além disso, aponta para a necessidade de mais pesquisas sobre segregação por raça nas cidades brasileiras, haja vista as grandes diferenças regionais.

AGRADECIMENTOS: Agradeço aos organizadores e pareceristas do dossiê. Esta pesquisa contou com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Prêmio Lélia Gonzalez de Manuscritos Científicos sobre Raça e Política.

REFERÊNCIAS

- ANSELIN, L. Local indicator of spatial association – LISA. **Geographical Analysis**, v. 27, p. 91-115, 1995.
- AZEVEDO, T. Classes Sociais e Grupos de Prestígio. *In*: AZEVEDO, T. **Cultura e situação racial no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (1966 [1956]).
- BARBOSA, R.; MARSCHNER, M. **Uma proposta de padronização de classificações em pesquisas do IBGE (Censos 1960-2010) e PNADs (1981-2011):** educação, setores de atividade econômica e ocupação (ISCO-88, EGP11 e ISEI). Working paper, Mimeo, 2013.
- BONILLA-SILVA, E.; BAIOCCHI, G. Anything but racism: How sociologists limit the significance of racism. **Race and Society**, v. 4, n. 2, p. 117–131, 2001.
- BRUN, J. Essai critique sur la notion de ségrégation et sur son usage en géographie urbaine. *In*: BRUN, J.; RHEIN, C. **La Ségrégation dans la Ville**. Paris: L’Harmattan. 1994.
- CARDOSO, F. H.; IANNI, O. **Cor e Mobilidade Social em Florianópolis: Aspectos das Relações entre Negros e Brancos numa Comunidade do Brasil Meridional**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1960. (Coleção Brasileira, vol. 307).
- CARVALHO, I.; BARRETO, V. S. Segregação residencial, condição social e raça em Salvador. **Cadernos MetrÓpole**, v. 18, 2007.
- CHAMBOREDON, J. C.; LEMAIRE, M. Proximité spatiale et distance sociale. Les grands ensembles et leur peuplement. **Revue française de sociologie XI**, 1970.
- ERIKSON, R.; GOLDTHORPE, J.; PORTOCARERO, L. Intergenerational Class Mobility in Three Western European Societies. **British Journal of Sociology**, v. 30, 1979.
- FISCHER, C. S. The subcultural theory of urbanism. **American Journal of Sociology**, v. 101, n. 3, p. 543–577, 1995.
- FRANÇA, D. S. N. **Atlas da Segregação Racial em MetrÓpoles Brasileiras**. Campinas, SP: Librum. 2021.
- FRANÇA, D. S. N. Desigualdades e segregação residencial por raça e classe. *In*: MARQUES, Eduardo. (Org.). **A MetrÓpole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades**. 1ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- FRANÇA, D. S. N. **Raça, Classe e Segregação Residencial no Município de São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Sociologia. São Paulo. FFLCH-USP. 2010.
- FRANÇA, D. S. N. **Segregação Racial em São Paulo: Residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI**. 2017. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.



GARCIA, A. **Desigualdades Raciais e Segregação Urbana em Antigas Capitais**: Salvador, Cidade d'Oxum e Rio de Janeiro. 2006. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional) – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

GRAFMEYER, Y. Regards sociologiques sur la ségrégation. *In*: BRUN, J.; RHEIN, C. **La Ségrégation dans la Ville**. Paris: L'Harmattan. 1994.

JOHNSON, C. **Patterns of Negro Segregation**. New York: Harper & Brothers Publishers. 1943.

KWAN, M-P. Beyond Space (As We Knew It): Toward Temporally Integrated Geographies of Segregation, Health, and Accessibility. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 5608, p. 37–41, 2013.

MARQUES, E. C. Elementos conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. *In*: MARQUES, E. C.; TORRES, H. G. (org.) **São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

MARQUES, E. C. L. (org.). **A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp/CEM, 2015.

MARQUES, E. **Redes sociais, segregação e pobreza**. São Paulo, Editora Unesp/Centro de Estudos da Metrópole. 2010.

MARQUES, E.; BARBOSA, R.; PRATES, I. Transformações Sócio-econômicas e Estrutura Social. *In*: MARQUES, E. (org.). **A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp/CEM, 2015.

MASSEY, D.; DENTON, N. The Dimensions of Residential Segregation. **Social Forces**, v. 67, p. 281-315. 1988.

MCPHERSON, M.; SMITH-LOVIN, L.; COOK, J. Birds of a feather: homophily in social networks. **Annual Review of Sociology**, v. 27, p. 415-444, 2001.

NETTO, V. M.; PINHEIRO, M.; PASCHOALINO, R. B. Segregated Networks in the City. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 39, p. 1084-1102, 2015.

PARK, R. Urban community as a spatial pattern and a moral order. *In*: BURGESS, Ernest (org.). **The Urban Community**. Chicago: The Chicago University Press, 1926.

PIERSON, D. **Branco e pretos na Bahia**. São Paulo: Editora Nacional, 1971 [1942]. v. 241.

PINTO, L. A. C. **O Negro no Rio de Janeiro: relações de raça numa sociedade em mudança**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 1998 [1953].

PRÉTECEILLE, E.; CARDOSO, A. Rio de Janeiro y São Paulo: ciudades duales? Comparación con Paris. **Ciudad y Territorio, Estudios Territoriales**, v. XL, p. 617-640. 2008.

RIBEIRO, L. C. Q. Status, Cor e Desigualdades Sócio-Espaciais na Metrópole do Rio de Janeiro. *In: ENCONTRO DA ANPUR*, 12., 2007, Belém. **Anais [...]**. Belém, PA, 2007.

RIOS NETO, E. **Desigualdade raciais nas condições habitacionais da população urbana**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/UFMG, Mimeo, 2005.

SHARKEY, P.; FABER, J. W. Where, when, why, and for whom do residential contexts matter? moving away from the dichotomous understanding of neighborhood effects. **Annual Review of Sociology**, v. 40, n. 1, p. 559–579, 2014.

SILVEIRA, L. S. **Segregação residencial e diferencial racial de renda: Estrutura e distribuição geográfica por raça na Região Metropolitana de Belo Horizonte**. 2014. (Dissertação de Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

TELLES, E. Cor da Pele e Segregação Residencial no Brasil. **Estudos Afro-Asiáticos**, n. 24, p. 5-22, 1993.

TELLES, E. **O Significado da Raça na Sociedade Brasileira**. 2012. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5d3230eb29908c00018b7fcf/t/6036dac48025463935a4b9be/1614207694389/livro_o_significado_da_raca_na_sociedade_brasileira.pdf. Acesso em: 7 fev. 2022.

TELLES, E. Race, Class and space in brazilian cities. **International Journal of Urban and Regional Research**, n. 19, p. 295-406, 1995.

TELLES, V. Trajetórias Urbanas: fios de uma descrição da cidade. *In: CABANES, R. TELLES, V. (org.). Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios*. São Paulo: Humanitas, 2006.

TORRES, H. G. “Medindo a segregação”. *In: MARQUES, E. C.; TORRES, H. G. (org.) São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades*. São Paulo: Editora Senac, 2005.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

WELLMAN, B. The Community Question: The Intimate Networks of East Yorkers. **American Journal of Sociology**, v. 84, n. 5, p. 1201–1231, 1979.

WILSON, W. J. **The Truly Disadvantaged: the Inner City, the Underclass and Public Policy**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.



Como referenciar este artigo

FRANÇA, D. Experiências urbanas segregadas: Locais de moradia, trajetórias e redes pessoais de negros e brancos em São Paulo - SP. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 27, n. esp. 1, e022003, abr. 2022. e-ISSN: 1982-4718. DOI: <https://doi.org/10.52780/res.v27iesp1.15820>

Submetido em: 16/01/2022

Revisões requeridas em: 15/02/2022

Aprovado em: 30/03/2022

Publicado em: 25/04/2022

